

ENFRENTAMENTO DAS JOVENS UNIVERSITÁRIAS FRENTE À VIOLÊNCIA NO NAMORO

FACING UNIVERSITY YOUNG PEOPLE AGAINST VIOLENCE IN DATING

ENFRENTANDO A LOS JÓVENES UNIVERSITARIOS CONTRA LA VIOLENCIA EN LA RELACIÓN

1

Resumo

Objetivo: Analisar a forma como as jovens universitárias enfrentaram a violência no namoro. Metodologia: Descritivo, exploratório e qualitativo. Cenário no campus de uma universidade pública no Rio de Janeiro, com mulheres jovens universitárias entre 19 e 24 anos, de julho de 2018 a fevereiro de 2019. A entrevista foi individual, com roteiro semiestruturado e técnica de análise foi a de conteúdo na modalidade temático-categorial. Resultados: A pesquisa demonstrou que as redes de apoio social primárias como amigos e familiares foi o principal mecanismo de enfrentamento das jovens universitárias em situação de violência no namoro. A não coabitação e a ausência de filhos ou de dependência financeira por essas jovens mulheres podem ser condicionantes intrínsecos que assegurem a escolha inicial pela rede de apoio primária por essas entrevistadas. Conclusão: Destaca-se a necessidade de mais estudos que visem fortalecer as redes de apoio social a fim de combater a violência no namoro entre os universitários.

Palavras-chave: Violência por Parceiro Íntimo; Universidades; Estudantes; Adulto Jovem; Apoio social; Rede social.

Abstract

Objective: To analyze how the young university students faced dating violence. Methodology: Descriptive, exploratory and qualitative. Scenery on the campus of a public university in Rio de Janeiro, with young university women between 19 and 24 years old, from July 2018 to February 2019. The interview was individual, with a semi-structured script and content analysis technique in thematic mode -category. Results: The research showed that primary social support networks such as friends and family were the main coping mechanism for young university students in situations of dating violence. The non-cohabitation and the absence of children or financial dependence by these young women may be intrinsic conditions that ensure the initial choice for the primary support network by these interviewees. Conclusion: The need for more studies that aim to strengthen social support networks in order to combat dating violence among university students is highlighted.

Keywords: Intimate partner violence; Universities; Students; Young adult; Social support; Social network.

Resumen

Objetivo: Analizar cómo los jóvenes universitarios enfrentaron la violencia en el noviazgo. Metodología: Descriptiva, exploratoria y cualitativa. Escenografía en el campus de una universidad pública de Río de Janeiro, con jóvenes universitarias entre 19 y 24 años, de julio de 2018 a febrero de 2019. La entrevista fue individual, con guión semiestruturado y técnica de análisis de contenido en modalidad temática - categoría. Resultados: La investigación mostró que las principales redes de apoyo social, como los amigos y la familia, eran el principal mecanismo de afrontamiento de los jóvenes universitarios en situaciones de violencia en el noviazgo. La no convivencia y la ausencia de hijos o dependencia económica de estas jóvenes pueden ser condiciones intrínsecas que aseguren la elección inicial de la red de apoyo primaria por parte de estas entrevistadas.

¹ <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/about/submissions>

Conclusión: Se destaca la necesidad de más estudios que apunten a fortalecer las redes de apoyo social para combatir la violencia en el noviazgo entre estudiantes universitarios.

Palabras clave: La violencia de pareja; Universidades; Estudiantes; Adulto joven; Apoyo social; Red social.

1 Introdução

A violência por parceiro íntimo (VPI) é um grave problema de saúde pública, sendo atualmente considerada como uma pandemia que afeta a todos sem distinções sociais, econômicas, religiosas ou culturais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a VPI como sendo “o comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores” (OMS, 2012, p. 11).

O maior perpetrador da VPI é o homem, visto que sua criação sofre a influência dos efeitos persistentes da cultura patriarcal e das relações de subordinação-dominação (Ozaki R., Otis, M. D., 2016). Devido a isso, é perceptível a desigualdade de gênero decorrente do patriarcado, fazendo com que mulheres e meninas vivenciem esta violência com mais frequência (Kisa, S., & Zeyneloğlu, S., 2019, p. 397). No entanto, a VPI é um evento bidirecional, podendo ser também perpetrada por mulheres contra homens, além de ser comum e mais grave em relações com o mesmo sexo (Kamimura, A., Nourian, M. M., Assasnik, N. & Franchek-Roa, K., 2016).

As características da violência contra a mulher incluem a violência física, que compreende qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal desta mulher; violência psicológica, que inclui humilhações, ameaças, isolamento, entre outros; a violência sexual, por relações sexuais não desejadas, práticas sexuais não consentidas e pelo impedimento do uso de contraceptivo e do preservativo; violência patrimonial se concretiza por roubo, danos aos bens materiais e documentos; e violência moral que se define por calúnias, difamações ou injúrias (Brasil, 2006).

Estudos demonstram que a prevalência da violência no namoro na América do Norte e na Europa varia entre 4,2 e 4,6% em meninas e na África 42% em ambos os sexos (Souza, T. M. C., Pascoaleto, T. E.; Mendonça, N. D., 2018). Enquanto que no Brasil, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) estima-se que a cada 3 mulheres, uma já tenha sido espancada alguma vez durante a vida (OPAS, 2021). No estado do Rio de Janeiro, 352 mulheres vivenciam alguma forma de violência de gênero por dia (Instituto de Segurança Pública [ISP], 2020, p. 140). A violência física apresenta maior índice de registro do estado com 33,0%, seguido da psicológica (32,3%), da moral (24,8%), sexual (5,2%) e patrimonial (4,6%) em 2019 (ISP, 2020, p. 14).

A VPI marital tem seu início na fase de namoro, estando presente na vida de muitos adolescentes e jovens adultos. Isso porque a identificação de atitudes abusivas acabam tornando-se invisíveis entre os casais, por estar enraizada na sociedade o ideal de amor romântico (Guerrero, D. C. M., 2016; Kisa, S., & Zeyneloğlu, S., 2019). Esta situação se encontra decorrente dos sentimentos de insegurança, ciúmes, controle do corpo do outro, gerando consequências negativas intrínsecas à saúde mental e física dos envolvidos (Goussinsky, R; Michael, K., Yassour-borowitz, D., 2017).

Conforme estudos da OMS (2012), Leitão, M. N. C., Fernandes, M. I. D., Fabião, J. A. S. A. O., Sá, M. C. G. M. A., Veríssimo, C. M. F. & Dixe, M. A. C. R (2013) e Kamimura, A., Nourian, M. M., Assasnik, N. & Franchek-Roa, K. (2016, p. 6), os fatores de risco para a VPI em mulheres jovens estão associados às características sociodemográficas, como as questões relacionadas à renda, escolaridade e ao status de emprego. A exposição a maus-tratos infantis como violência interparental, abuso físico e sexual. Uso excessivo de substâncias nocivas e ilícitas, assim como aceitação e exposição anterior a violência. Além disso, o ingresso na universidade pode ser considerado um fator de risco que aumenta as chances de violência, pois pode mudar a dinâmica do casal, devido ao homem sentir-se ameaçado pelo novo status acadêmico da mulher (Tsui, E. K. & Santamaria, E. K., 2015).

É importante mencionar as consequências que a VPI pode gerar na saúde e na qualidade de vida das jovens mulheres como distúrbios gastrointestinais, infecções sexualmente transmissíveis, gravidez indesejada, ansiedade, depressão, suicídio, baixa autoestima e estresse pós traumático. Associadas a essas repercussões que afetam o bem-estar dessas mulheres, estudos realizados com jovens universitários que vivenciaram pelo menos algum tipo de violência indicam que estes, estão mais propensos a desenvolver abuso com drogas (Pengpid, S. & Peltzer, K., 2020, p. 4). Ademais, esses estudantes apresentam maior probabilidade de terem um baixo desempenho nas atividades acadêmicas (Brewer N. Q, Thomas K. A., 2018, p. 4).

Ressalta-se que, diante de uma ameaça, a reação de um indivíduo deveria ser a evitação, contudo, observa-se um ciclo de violência, além de diferentes situações que impedem as mulheres a buscarem alternativas para sair de suas relações violentas (Gomes, I., R., R.; Fernandes, S., C., S., 2018). Constata-se nos resultados dos estudos de Momeñe, J., Estévez, A., Pérez-García, A. M., Olave, L., Iruarrizaga, I. (2021), a incidência do uso de mecanismos de enfrentamentos negativos por essas mulheres como a naturalização de atitudes agressivas e a permanência na relação abusiva. Estes, em sua maioria, sofrem de dependência emocional e sintomas psicopatológicos decorrentes de interações familiares disfuncionais.

Neste contexto, as redes de apoio tornam-se importantes estratégias de fortalecimento das mulheres em situação de violência, além de que a existência de vínculos como familiares e instituições, como a igreja e associações comunitárias são fundamentais (Netto, L. A.; Moura, M. A. V.; Araujo, C. L. F.; Souza, M. H. N.; Silva, G. F., 2017). Isso porque são responsáveis pela assistência, visibilidade de problemas e satisfação de carências sociais e de saúde que escapam da capacidade de atendimento do Estado.

É notória a relevância deste estudo, pois evidencia um grupo de risco inserido na população feminina que são as jovens universitárias que vivenciaram violência no namoro e como estas, enfrentaram a situação. Diante deste cenário, articulações entre as instituições, autoridades e comunidade se fazem necessárias para o aperfeiçoamento da assistência ao enfrentamento da violência.

Considerando o exposto, foi definido como objetivo do estudo analisar a forma como as jovens universitárias enfrentaram a violência no namoro.

2 Metodologia

Pesquisa descritiva, exploratória e qualitativa. O cenário da pesquisa foi em um dos Campus de uma universidade pública federal, localizada na zona sul do Rio de Janeiro, Brasil. Participaram cinquenta (50) mulheres jovens, que atenderam aos seguintes critérios de inclusão: estarem regularmente matriculadas em algum curso da universidade, tivessem entre 19 e 24 anos, afirmaram se relacionarem com algum parceiro (a), por seis (6) meses ou mais. Foram excluídas as mulheres que não fossem brasileiras, casadas ou residirem com o parceiro (a). Todas participaram voluntariamente, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A seleção das participantes ocorreu por conveniência, entre julho de 2018 a fevereiro de 2019. As transeuntes do campus foram abordadas, a proposta do estudo era apresentada e se a jovem atendesse aos critérios de elegibilidade, era feito o convite para participar. Em caso de aceite, era entregue o contato da pesquisadora e colaboradoras, para o agendamento da entrevista de forma que fosse garantido a privacidade e o conforto das participantes. Esse processo de captação ocorreu em locais próximo ao restaurante da universidade, no horário do almoço e jantar, nos dias de semana (2ª a 6ª feiras), exceto em dias de feriados.

As entrevistas ocorreram em salas de aula vazias disponibilizadas pela universidade. As participantes foram esclarecidas quanto aos objetivos, procedimentos metodológicos e questões relacionadas à pesquisa. Foram gravadas em aparelho digital de voz, com autorização prévia das entrevistadas e posteriormente, transcritas na íntegra. Tiveram duração de

aproximadamente 60 minutos. A fim de garantir o anonimato, foram elaborados códigos de identificação, denominados pela letra E, seguida de numeração ordinal em ordem crescente (E1 a E50), conforme a realização das entrevistas.

A técnica para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada e individual. O roteiro de entrevista, elaborado pelo grupo de pesquisadores, com perguntas fechadas e abertas. Na primeira, eram abordadas questões relativas às características socioeconômicas e reprodutivas. Na segunda, terceira e quarta parte eram questões abertas que se referiam às informações sobre a vivência de violência no namoro.

Nos casos em que houve detecção de situação de violência, as participantes foram orientadas quanto à existência da Lei Maria da Penha (Brasil, 2006), a possibilidade de realizar a denúncia contra o (a) parceiro (a), caso desejassem e se sentissem seguras para fazê-lo. Também foi disponibilizado o telefone da Central de Atendimento à Mulher (180) e dos Centros de Atendimento às mulheres em situação de violência existentes.

Para análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo temática (Bardin L., 2016), dando origem a um total de 21 unidades temáticas, que estão relacionadas ao eixo temático, que se refere à "saúde". Dessa forma foi elaborada a seguinte categoria de análise: vivências de mulheres jovens universitárias no processo de namoro.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO em junho de 2018, com parecer nº: 2.708.911.

3 Resultados

3.1 Caracterização das participantes

Participaram da pesquisa cinquenta (50) jovens universitárias. Desse total, dez (10) jovens afirmaram não vivenciar VPI em nenhum relacionamento amoroso. Uma (1) delas relatou que perpetrara violência contra o parceiro. As demais, trinta e nove (39) participantes vivenciaram alguma forma de VPI.

Quanto à composição de raça/cor, dezenove (19) se autodeclararam brancas, quinze (15) pardas, cinco (5) pretas e uma (1) amarela. Em relação à orientação sexual, dez (10) declararam ser bissexuais, duas (2) lésbicas e vinte e oito (28) heterossexuais. No que tange a religião, a maioria declarou não possuir religião, onze (11) declararam serem católicas e protestantes, duas (2) umbandistas, uma (1) agnóstica, kardecista e messiânica.

A maioria das participantes trinta e sete (37) afirmaram residirem apenas com familiares. A renda familiar variou entre 1 e 11,4 salários mínimos. Quanto à ocupação, apenas uma (1) das participantes possuía ocupação e a mesma não vivenciou a violência.

Sobre os cursos de graduação, dezesseis (16) estavam matriculadas no curso de Enfermagem, seis (6) em Nutrição, duas (2) em Medicina, cinco (5) em Museologia, quatro (4) em História, três (3) em Pedagogia e uma (1) em Biblioteconomia, Biologia, Biomedicina e Ciências Sociais.

3.2 Reconhecimento das vivências das formas de violência de gênero

Considerando as formas de VPI vivenciadas pelas entrevistadas, trinta e três (33) universitárias apontaram que a violência psicológica foi a mais comum nos relacionamentos, seguida de vinte e nove (29) casos de violência moral. A violência sexual se fez presente na vida de dezessete (17) entrevistadas, seguida das agressões físicas que também foram relatadas por quatorze (14) entrevistadas. A violência patrimonial também fez parte do relacionamento de uma (1) entrevistada, de acordo com a Lei Maria da Penha (Brasil, 2006).

Dentre as quarenta (40) jovens que vivenciaram a VPI, vinte e uma (21) delas referiram que perceberam algumas situações que as afligiam durante o relacionamento e romperam o namoro, conforme as falas de duas (2) das entrevistadas:

“Nunca fui ciumenta. Eu vi que tava me transformando em um monstro, tanto que quando ele voltou eu quis terminar, pedi um tempo, a gente ainda voltou, mas aí depois terminei de vez.” (E9)

“Até eu perceber, pra mim era ok, pra mim era uma relação boa, depois que eu comecei a notar esse tipo de coisa, pra mim começou a ser uma coisa ruim.” (E12)

Sobre o reconhecimento das vivências de violência pelas jovens, os resultados apontaram que nove (9) participantes identificaram as situações de VPI no momento da entrevista, segundo as falas de duas (2) das entrevistadas:

“Não chegou a ser relação sexual, mas no iníciozinho do namoro, ele queria encostar no meu peito e eu não queria, mas ele forçou a barra e aí eu liberei.” (E1)

“Ele sempre discute e levanta o tom de voz, não sei se isso é considerado uma forma de violência.” (E5)

Outras (10) participantes somente reconheceram a situação vivenciada após o término do relacionamento, uma vez que somente conheciam a violência física, de acordo com os relatos a seguir:

“Eu na minha cabeça só tinha violência física, aí depois que eu saí dessa situação que eu me dei conta do que eu tava me metendo, de onde eu tava, do que tava acontecendo comigo, entre eu e ele. Só depois que eu terminei que eu fui entender.” (E7)

“Em relação a pressão psicológica eu achava que era algo normal, e eu não sabia o que tava experienciando, não sabia que era também um tipo de violência.” (E8)

As falas expressam que essas universitárias desconheciam as diversas formas de violência nas relações de namoro. Fato que evidencia a invisibilidade do fenômeno, revelando que muitas vezes somente as agressões físicas são identificadas como um ato violento. Devido a isso, torna-se difícil o seu reconhecimento durante o relacionamento afetivo em função de sentimentos como baixa autoestima, insegurança, naturalização da violência e entre outros. Situação que as deixam susceptíveis a viverem as agressões por um longo período, com possibilidades de agravamento da situação, com repercussões à saúde e risco à vida.

3.3 Fatores desencadeadores do rompimento dos relacionamentos

Os resultados revelaram que trinta e nove (39) participantes vivenciaram alguma forma de VPI e não a reconheceram durante o relacionamento. Dessas, vinte e uma (21) jovens percebiam algumas situações que as afligiam durante o relacionamento e assim, decidiram romper a relação de namoro. Para as demais (18), o homem decidiu tomar a iniciativa de finalizar o relacionamento.

Das vinte e uma (21) jovens, dez (10) referiram que por sucessivas brigas decidiram romper a relação, segundo os relatos a seguir:

“Até pro final depois já tava bem mais tranquilo, mas o problema era que eu não conseguia botar o relacionamento pra frente, porque eu lembrava das brigas e tal.” (E2)

“Eu gritava, parecia outra pessoa, eu tava com um ódio, e não era bem um ciúme, eu fiquei com muita raiva, porque como assim, tipo, você sai com uns amigos, você dorme na casa de uma menina que eu não sei nem quem é, se eu fizesse isso, meu deus do céu, ele ia ficar com muita raiva.” (E9)

“Na época eu tinha muita dificuldade de compreender o que acontecia na minha relação com ele, porque eu era uma menina ainda. Mas depois que eu fui entendendo, que ele me castrava, me controlava. Foi demais, não aguentei.” (E20)

“Ah, um dia ele deu uma crise de ciúme com um amigo meu que eu tinha, aí ele bateu a minha cabeça na parede e me enforcou.” (E21)

“Eu botava uma roupa pra sair e às vezes não gostava, aí reclamava, brigava e saía brigada, e eu odeio sair brigada, aí acontecia direto.” (E24)

Essas expressões revelaram que nos relacionamentos havia ciúmes, coerção e controle da mulher. Situações que demonstravam as desigualdades entre os gêneros e que culminaram com a ruptura da relação.

A infidelidade masculina também fez parte desses relacionamentos para cinco (5) participantes.

“Eu só terminei com ele porque eu descobri que ele tava me traindo.” (E16)

“A gente terminou porque ele me traiu. Eu fiquei sabendo porque uma das meninas com quem ele me traiu, mandou uma mensagem no Facebook me contando, muito louco. Foi triste.” (E20)

Os resultados apontaram seis (6) jovens relataram que o fim do relacionamento ocorreu pela instabilidade emocional de seus parceiros, conforme as falas a seguir:

“Eu acho que ele nem tinha esse pensamento de começar uma coisa abusiva não, acho que era da doença psicológica dele mesmo, de medo, timidez, que ele já teve um monte de doença. Foi muito tensa a nossa relação. Maluco, tadinho, maluco.” (E14)

“O namoro foi bem pesado, porque ele era bipolar e tinha epilepsia [...] ele tinha crise o tempo todo e colocava a culpa em mim.” (E15)

Essas falas revelam que a saúde mental dos parceiros criou uma situação de tensão, gerando conflitos entre o casal.

3.4 Estratégias desenvolvidas para a convivência na relação abusiva

Dentro de um contexto de VPI, onde trinta e nove (39) jovens foram cerceadas de liberdade, como a de saírem com suas amigas e de estarem com suas famílias, desenvolvendo estratégias para conviver e manter o relacionamento. Situações que trouxeram claramente o sofrimento mental e o isolamento social.

Para algumas (2), a estratégia foi ceder aos pedidos dos parceiros com o objetivo de evitar brigas.

“Às vezes, eu cedia, mas muito difícil. Por isso que a gente brigava bastante, por eu sempre me manter firme.” (E12)

Para outras (3), a conversa sobre o assunto gerador de conflitos, seria uma forma de amenizar a situação, mas perceberam que não tiveram êxito, como o relato a seguir:

“Tentando conversar; e explicar meu ponto de vista, mostrar o que eu achava errado, o que a gente tinha que mudar e tudo mais, mas não adiantava.” (E13)

Outras jovens (18) informaram não terem conseguido criar estratégias para romper o relacionamento, por medo de se imporem e tomar a decisão errada. A partir desse contexto, as jovens buscavam o isolamento familiar e evitavam conflitos, para manter os relacionamentos com os seus parceiros.

“Eu me isolava. Eu tentava não deixar minha mãe ver, porque se ela visse eu sofrendo por causa dele, ela ia querer que eu tomasse alguma atitude.” (E3)

“Eu terminei, mas eu fiquei com medo de que tivesse fazendo a coisa errada e pedi pra voltar, a gente voltou um mês depois, aí eu achava que tava tudo certo, mas não tava, tava quebrando cabeça, aí ele terminou comigo de vez aí nunca mais a gente se falou.” (E4)

“Eu perdi muita vontade de sair de casa, eu queria só ficar em casa porque eu tinha medo de encontrar ele na rua.” (E38)

Essas falas nitidamente elucidam consequências decorrentes da violência psicológica em uma relação de namoro como a baixa autoestima e a insegurança na forma de agir.

3.5 Formas utilizadas para se libertarem do relacionamento abusivo

As redes de apoio social primárias, como amigos e familiares são importantes meios de enfrentamento para auxiliarem às jovens universitárias em situação de violência no namoro. Isso porque os vínculos são gerados ao longo do tempo e estão fortemente ligados à liberdade de escolha dos indivíduos. Estes, apresentam papel essencial de alertar atos que configurem como violência e aconselhar, nesses casos, a importância do rompimento dessas relações abusivas.

Os resultados revelaram que dezoito (18) entrevistadas afirmaram que compartilhavam as situações que lhes afligiam com os(as) amigos(as) sobre a situação em busca de ajuda e orientações, conforme os relatos a seguir:

“Não sabia direito como enfrentar, eu acho que eu só tentava ficar bem, um dia de cada vez, quando dava pra ficar, às vezes eu tentava desabafar com os meus amigos, mas nem sempre eu falava.” (E7)

“Na época quando acontecia eu sempre ia falar com as minhas amigas e elas sempre falavam muito dele.” (E9)

“Eu tinha uma amiga que eu podia falar sempre, essas coisas pra ela.” (E15)

“Ah, eu conversava bastante com duas amigas minhas, e na época elas estavam sempre do meu lado, me apoiando, mas também não apoiavam muito o meu namoro.” (E24)

Os familiares das jovens, como pais e primos, também ofereceram apoio, segundo os relatos a seguir:

“Só os meus pais, os meus amigos, mas nessa época foi difícil, porque a gente tinha acabado de terminar o ensino médio.” (E7)

“Só as minhas amigas que eu conversava [...] e a minha tia que dizia que eu merecia mais.” (E18)

Ressalta-se que no momento das entrevistas as (39) participantes já haviam rompido com os relacionamentos abusivos. Dessa forma, três (3) entrevistadas relataram que o apoio do parceiro atual, estava às ajudando a superar consequências de um relacionamento violento, de acordo com os depoimentos a seguir:

“Aí quando eu terminei com esse ex namorado, meu atual foi ajudando a superar o outro relacionamento que eu fiquei muito mal quando eu terminei, e aí, depois de um tempo a gente acabou ficando.” (E1)

“Meu novo namorado me ajuda a conversar sobre isso, que ele é a única pessoa que sabe de tudo que aconteceu e me ajuda a superar algumas coisas que ainda acontecem.” (E47)

Essas falas expressam meios que foram utilizados pelas jovens universitárias para se libertarem e superarem os traumas oriundos dos relacionamentos abusivos.

3.6 Construção de relacionamentos saudáveis após a VPI

Do total (39) de participantes, dezesseis (16) estavam se relacionando com outros parceiros, tentando construir uma relação saudável, conforme as falas a seguir:

“Eu me considerei uma pessoa mais fechada após esse relacionamento, com esse novo namorado me sinto mais aberta, eu sinto que sou uma pessoa diferente, foi um relacionamento totalmente diferente dos que tive até hoje.” (E8)

“Ah, no início sim, porque eu estava com medo né, mas o Gabriel foi muito tranquilo, sempre foi muito respeitoso.” (E15)

“Eu conheci o meu atual namorado e com ele foi tudo muito, muito, fácil.” (E21)

“Na verdade me deu mais segurança pra perceber quando isso acontece, me trouxe outra percepção pra ver quando isso tá acontecendo e pra impedir, pra me impor contra.” (E30)

Os relatos demonstraram que as vivências negativas acerca da VPI da maioria das participantes nos seus antigos relacionamentos possibilitaram a construção de relações afetivas saudáveis com os parceiros atuais.

4 Discussão

Os resultados da pesquisa revelaram que não houve diferença expressiva na vivência de violência entre jovens brancas e pretas/pardas. Em relação à orientação sexual, a maioria das entrevistadas eram heterossexuais e não possuíam religião. Logo, no que se refere às características sociodemográficas, este estudo evidenciou que as características das entrevistadas são semelhantes às de outras mulheres jovens não universitárias, reforçando que a VPI perpassa todas as classes educacionais, econômicas, sociais e culturais (Ollen, E. W., Ameral, V. E., Palm Reed, K., & Hines, D. A., 2017; Kisa, S. & Zeyneloglu, S., 2019).

A violência psicológica foi relatada por trinta e três (33) universitárias durante as entrevistas, sendo apontada como a principal forma de violência perpetrada nos relacionamentos de namoro, seguida da violência moral, sexual, física e patrimonial. Resultado que corrobora com outros estudos com a mesma população (Kisa, S. & Zeyneloglu, S., 2019). Essa forma de VPI, muitas vezes invisível pelos casais, traz riscos à saúde e à vida de quem a vivencia (Graham, L. M.; Jensen, T. M.; Givens, A. D.; Bowen, G. L.; Rizo, C. F., 2019).

Destaca-se que todas as participantes não tinham reconhecido até o momento da entrevista, as diversas formas de violência. Essa situação deve-se ao ideal de amor romântico apreendido desde a infância pelas mulheres, justificado pelas questões culturais e de gênero que naturalizam comportamentos agressivos e dominantes por parte dos homens (Kim, Yujeong; Lee, Eunmi; Lee, Haeyoung, 2019). Um estudo realizado por questionário online apontou que, a maior parte dos participantes do sexo masculino não distinguiram outras formas de violência em suas relações afetivas-sexuais, pois apenas consideravam a agressão física como comportamento violento (Souza, T. M. C., Pascoaletto, T. E., Mendonça, N. D., 2018).

Vinte e uma (21) das participantes referiram que perceberam algumas situações que as afligiam durante o relacionamento e romperam o namoro. Com base nisso, este estudo demonstrou que os fatores desencadeadores do rompimento das relações foram devido às sucessivas brigas do casal, seguido de infidelidade masculina e, por último, pela instabilidade emocional dos seus parceiros. Estudos de Pérez, M. Y., Juárez, A. B., & Cruz, A. H. (2019) e Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell'Aglio, D. D. (2020) corroboram com os resultados ao incluir as causas da violência no namoro a insultos, chantagens, manipulação, controle, ciúmes, falta de habilidades de comunicação, desconfiança e traição.

Os resultados apontaram que algumas estratégias foram desenvolvidas pelas participantes para conviver e manter o relacionamento abusivo, como ceder aos pedidos de seus parceiros a fim de evitar brigas. Entretanto, destaca-se que algumas jovens informaram não terem conseguido se libertar da situação vivenciada, por medo de se imporem e de tomar a decisão errada. Nesses casos, o sofrimento mental e o isolamento familiar foram as consequências observadas durante as entrevistas. Estudos evidenciam que essas estratégias são algumas das adotadas pela maioria das jovens mulheres em situação de violência no namoro, em detrimento de outras estratégias mais eficazes como procurar apoio formal ou traçar um plano de segurança (Silva, A. C. F., 2016; Póvoa, C. I. S., 2019).

Por outro lado, observou-se que as jovens não buscaram a rede de apoio social secundária, como as instituições de assistência, saúde e educação. A não coabitação e a ausência de filhos ou de dependência financeira pelas jovens mulheres podem ser condicionantes intrínsecos que assegurem a escolha inicial pela rede de apoio primária por essas entrevistadas. O estudo de Wee, S., *et al* (2016) corrobora com essa reflexão, apontando que, na maioria dos casos, as mulheres em situação de violência contactam serviços formais de apoio, tais como forças de segurança, serviços sociais e de saúde com menor frequência do que contactam ajudas informais.

Os resultados apontaram que o apoio oferecido por familiares e amigos foram preponderantes para o reconhecimento da situação vivenciada, assim como para a ruptura do relacionamento abusivo. Dessa forma, sabe-se que as redes de apoio social primárias, como amigos e familiares são importantes meios de enfrentamento para auxiliarem às jovens universitárias em situação de violência no namoro. Isso porque os vínculos são gerados ao longo do tempo e estão fortemente ligados à liberdade de escolha dos indivíduos. Estes, apresentam papel essencial de alertar atos que configurem como violência e aconselhar, nesses casos, a importância do rompimento dessas relações abusivas (Netto, L. A.; Moura, M. A. V.; Araujo, C. L. F.; Souza, M. H. N.; Silva, G. F., 2017).

Salienta-se que o não reconhecimento da VPI e a desinformação proveniente da rede de apoio social imediata durante a relação de namoro podem também ser determinantes que influenciaram a negação e a resistência das entrevistadas para buscarem assistência profissional. A literatura evidencia que as jovens consideram mais úteis, respostas de compreensão e de apoio mediadas por indivíduos do seu círculo social (Silva, A. C. F., 2016; Netto, L. A.; Moura, M. A. V.; Araujo, C. L. F.; Souza, M. H. N.; Silva, G. F. 2017). Em contrapartida, respostas percebidas como inúteis reforçam sentimentos de

revitimização e são mais frequentes de serem reproduzidas por desconhecidos de instituições sociais (Póvoa, C. I. S., 2019). Com base nisso, as participantes ou não cogitaram solicitar tal ajuda por desconhecimento de tais mecanismos de enfrentamento ou devido ao processo de naturalização da VPI imposta ao longo dos anos pelo sistema patriarcal às mulheres.

Válido ressaltar, que dezesseis (16) das participantes informaram estar construindo uma relação saudável com os seus parceiros atuais. Isso demonstra que a maioria das entrevistadas adquiriram, a partir de suas vivências negativas de relações antigas, manejos e disposição para a construção de relações afetivas mais saudáveis com seus parceiros atuais. Nenhum outro estudo encontrado acerca do acompanhamento de jovens universitárias após o término dos relacionamentos abusivos abordou a disposição destas para a construção de relações mais satisfatórias, sendo, infelizmente, uma lacuna imprescindível no entendimento a longo prazo desta problemática.

5 Conclusão

Os resultados apontaram que os fatores desencadeadores do rompimento das relações foram devido às sucessivas brigas, a infidelidade masculina e instabilidade emocional dos seus parceiros. A maioria das jovens foram submetidas às solicitações de seus parceiros para conviver e manter o relacionamento a fim de evitar conflitos.

A família e amigos representaram a principal forma de enfrentamento para que as participantes rompem os relacionamentos de namoro, ou seja, utilizaram a rede de apoio social primária. A maioria também informou estar construindo uma relação mais saudável com os seus parceiros atuais, demonstrando que as vivências negativas de suas relações passadas não foram impeditivas para a construção de relações afetivas mais satisfatórias com seus parceiros atuais.

Esta pesquisa contribui para a melhoria da assistência em virtude da ampliação de conhecimento entre os profissionais de saúde e da educação, oferecendo subsídios teóricos para o cuidado prestado às mulheres jovens universitárias que vivenciam a violência no namoro. Ressalta a necessidade de capacitação e sensibilização dos professores universitários e profissionais de saúde para a temática, no sentido de estarem atentos aos sinais da VPI entre os alunos, ajudando na manutenção de vínculos favoráveis à conservação da autoestima e da integridade.

O limitador deste estudo foi a escassez de artigos encontrados nas Bases de Dados que tratem sobre a temática em questão, evidenciando a relevância da pesquisa. Nesse sentido, faz-se indispensável mais estudos que visem fortalecer as redes de apoio social das jovens universitárias a fim de aprimorar os mecanismos de enfrentamento à violência perpetrada por parceiro íntimo no namoro.

Referências

- Alecrim, F. S., Augusto, J. R., Oliveira, S. C., Santana, S. R., Rodrigues, M. R. K. (2020). Atuação do enfermeiro no contexto da violência contra a mulher: Revisão integrativa da literatura. *Revista Saúde - UNG - SER*, 14(1/2), São Paulo. <http://dx.doi.org/10.33947/1982-3282-v14n1-2-4371>.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Brasil: Edição 70.
- Brasil (2006). Ministério da Saúde. Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006. Dispõe sobre a criação de mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. Brasília (DF). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.
- Borges, J. L., Heine, J. A., & Dell’Aglío, D. D. (2020). Variables personales y contextuales predictivas de perpetración de violencia en el noviazgo en la adolescencia. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 438-469. Portugal. <https://doi.org/10.14718/ACP.2020.23.2.16>.
- Brewer N. Q., Thomas K. A. (2019). Intimate partner violence and academic performance: the role of physical, mental, behavioral, and financial health. *Social work in health care*, 58(9), 854-869. <https://doi.org/10.1080/00981389.2019.1659905>.
- Gomes, I., R., R.; Fernandes, S., C., S. (2018). A permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz da teoria da ação planejada. *Acad. Paul. Psicol.*, 38(94). São Paulo. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2018000100006&lng=pt&nrm=iso.
- González, B. G.; Berumen, L. Q. (2020). Inteligencia emocional como predictora de la satisfacción con la relación, entre jóvenes víctimas y no víctimas de violencia en el noviazgo. *Summa psicol. UST*, 17(2). México. <https://doi.org/10.18774/0719-448.x2020.17.459>.

- Goussinsky, R.; Michael, K., Yassour-borowitz, D. (2017). Relationship Dynamics and Intimate Partner Violence Among Israeli College Students: The Moderating Effect of Communication Problems. *Journal of Interpersonal Violence*, 35(23-24). <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886260517724833>.
- Graham, L. M.; Jensen, T. M.; Givens, A. D.; Bowen, G. L.; Rizo, C. F. (2019). "Intimate Partner Violence Among Same-Sex Couples in College: A Propensity Score Analysis." *Journal of Interpersonal Violence*, 34(8), pp. 1583–1610. <https://doi.org/10.1177%2F0886260516651628>.
- Guerrero, D. C. M. (2016). Violência no Namoro: Avaliação e as Estratégias de Enfrentamento de Vítimas e Agressores (Doctoral dissertation, Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Vitória, Brasil). http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_8741_disserta%E7%E3o%20completa%20Diana%20Mora.pdf.
- Instituto de Segurança Pública. 15. ed. Rio de Janeiro: Rio Segurança, 2020. 163p.:il. (Série Estudos;2). http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/uploads/DossieMulher2020.pdf.
- Kamimura, A., Nourian, M. M., Assasnik, N. & Franchek-Roa, K. (2016) Factors associated with perpetration of intimate partner violence among college students in China. *al. Inj Prev* ; (22)352–357. doi:10.1136/injuryprev-2015-041890.
- Kim, Yujeong; Lee, Eunmi; Lee, Haeyoung (2019). Sexual Double Standard, Dating Violence Recognition, and Sexual Assertiveness among University Students in South Korea. *Asian Nursing Research*, [S.L.], 13 (1), pp. 47-52, fev. 2019. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.anr.2019.01.003>.
- Kisa, S., & Zeyneloğlu, S. (2019). Perceptions and predictors of dating violence among nursing and midwifery students. *Journal of advanced nursing*, 75(10), pp. 2099-2109. <https://doi.org/10.1111/jan.13982>.
- Leitão, M. N. C., Fernandes, M. I. D., Fabião, J. A. S. A. O., Sá, M. C. G. M. A., Veríssimo, C. M. F. & Dixe, M. A. C. R (2013). Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito - fazer diferente para fazer a diferença, Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde. ISSN 1647-9440.
- Miller, E., Culyba, A. J., Paglisotti, T., Massof, M., Gao, Q., Ports, K. A., KatoWallace, J., Pulerwitz, J., Espelage, D. L., Abebe, K. Z. & Jones, K. A. (2020). Male adolescents' gender attitudes and violence: Implications for youth violence prevention. *American journal of preventive medicine*, 58(3), pp. 396-406. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2019.10.009>.
- Momeñe, J., Estévez, A., Pérez-García, A. M., Olave, L., Iruarrizaga, I. (2021). Estilos de afrontamiento, esquemas disfuncionales y síntomas psicopatológicos relacionados con la dependencia emocional hacia la pareja agresora. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual.*, (29)1, pp. 29-50. <https://doi.org/10.51668/bp.8321102s>.
- Netto, L. A.; Moura, M. A. V.; Araujo, C. L. F.; Souza, M. H. N.; Silva, G. F. (2017). As redes sociais de apoio às mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo. *Texto & contexto - Enfermagem*. 26(02). <https://doi.org/10.1590/0104-07072017007120015>.
- Ollen, E. W., Ameral, V. E., Palm Reed, K., & Hines, D. A. (2017). "Sexual Minority College Students' Perceptions on Dating Violence and Sexual Assault." *Journal of Counseling Psychology*, 64(1), pp. 112–119. <https://psycnet.apa.org/record/2016-55598-001>.
- Organização Mundial da Saúde (2012). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. ISBN 978-92-75-71635-9.
- Organização Pan-Americana da Saúde (2021). Devastadoramente generalizada: 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo sofre violência. <https://www.paho.org/pt/noticias/9-3-2021-devastadoramente-generalizada-1-em-cada-3-mulheres-em-todo-mundo-sofre-violencia>.
- Ozaki R.; Otis, M. D. (2016). Gender Equality, Patriarchal Cultural Norms, and Perpetration of Intimate Partner Violence: Comparison of Male University Students in Asian and European Cultural Contexts. *Sage journals*. <https://doi.org/10.1177/1077801216654575>.
- Pengpid, S., & Peltzer, K. (2020). Associations of physical partner violence and sexual violence victimization on health risk behaviours and mental health among university students from 25 countries. *BMC public health*, 20(1), pp. 1-10. <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09064-y>
- Pérez, M. Y., Juárez, A. B., & Cruz, A. H. (2019). Violência en el noviazgo en opinión de un grupo de adolescentes de la Sierra Norte de Puebla. *Revista Chakiñan de Ciencias Sociales y Humanidades*, (7), pp. 25-39. http://scielo.senescyt.gob.ec/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2550-67222019000100025&lng=es&tlng=es.
- Póvoa, C. I. S. (2019). Rede social informal e intenção de agir face à violência no namoro em estudantes universitários. *Repositório Universidade de Évora*. <http://hdl.handle.net/10174/26359>.
- Silva, A. C. F. (2016). Violência no namoro e sua relação com características pessoais e interpessoais do jovem adulto estudante universitário. *Repositório científico da UC*, Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316/34229>.
- Souza, T. M. C.; Pascoaletto, T. E.; Mendonça, N. D. (2018). Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. *Revista Psicologia e Saúde*, 10(3), pp. 31-43. <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v10i3.695>.
- Tsui, E. K., & Santamaria, E. K. (2015). Intimate Partner Violence Risk among Undergraduate Women from an Urban Commuter College: the Role of Navigating Off- and On-Campus Social Environments. *Journal of urban health: bulletin of the New York Academy of Medicine*, 92(3), pp. 513–526. <https://doi.org/10.1007/s11524-014-9933-0>.
- Wee, S., et al (2016). Modifiers of neighbors' bystander intervention in intimate partner violence: A concept mapping study. *Violence and Gender*, 3(1), pp. 55-63. doi:10.1089/vio.2015.0012.